

-
- **ANÁLISE DO DISCURSO VIII**
Coordenador(a): *Érika de Moraes*
-

COITAS E COITOS EM RAZÃO - DISCURSOS SOBRE PECADO E CONFISSÃO

Lucas Kiyoharu Sanches Oda (UNICAMP)

Na Alta Idade Média, entre os séculos XII e XIII, antes de encontrarmos um sujeito assujeitado, interpelado pela ideologia da Igreja, encontramos sujeitos imersos numa turbulência de discursos que, embora por vezes antagônicos, coexistem nas diversas produções discursivas da

sociedade medieval. Esses discursos constituem, entre os séculos XII e XIII, a heterogeneidade dos discursos do Amor Cortês: das canções dos trovadores até os romances de cavalaria, passando pelo Tratado do Amor Cortês, de André Capelão, livro que dita as regras dessa nova forma de amar. Esta pesquisa, ao analisar o Tratado de Capelão, tenta mostrar como é através dos discursos que a Igreja consolidou o domínio sobre os corpos e a política, criando, no século seguinte, no Concílio de Latrão, em 1215, a confissão obrigatória, que legitimou de forma definitiva o controle cristão sobre o corpo e a alma dos homens. Considerando a teoria bakhtiniana de que um discurso sempre dialoga com os discursos que o precedem e sucedem, analiso a quais discursos anteriores esses discursos turbulentos medievais respondem: quer seja com os estóicos, com a Arte de Amar ovidiana, com o Cântico dos Cânticos, com o Velho Testamento ou com os padres apologistas; e com quais se relacionam em seu futuro imediato. A partir dessas análises podemos entender que esses discursos turbulentos não são incompatíveis, mas parte de uma estratégia de reinvenção da mulher, do pecado e do amor pela Igreja. Para tanto, fez-se necessária uma volta às teorias de Foucault, para entendermos que a melhor forma da Igreja exercer poder sobre o corpo dos homens só poderia ser através dos discursos: fazer falar, fazer confessar os pecados, o sexo, para então calar a concupiscência da carne.

DISCURSO DA LOUCURA: ASSUJEITAMENTO OU SUBVERSÃO?

Kátia Alexandra dos Santos

O presente estudo compreende um trabalho a respeito do discurso da loucura. Para tal, busca escopo nos pressupostos teóricos da Análise do discurso de linha francesa e na Psicanálise. O discurso da loucura é investigado a partir de recortes da obra biográfica “Viagem através da loucura”, em que analiso algumas falas da personagem Mary Barnes. Dentro da análise procedida, divido o discurso em dois lados que o constituem: o lado do “assujeitamento”, permeado pela dispersão de outros discursos, o que o aproxima da “normalidade”; e o lado da subversão, que são os momentos nos quais a personagem transgride regras discursivas, foge aos padrões lingüísticos instituídos, enfim, apresenta-se de maneira diferenciada. Esse último lado interessa, sobretudo, pela falta de censura que exhibe e pelo status de verdade que conquista.

NEM TUDO É ROSA NO DISCURSO FEMININO DOS “ANOS DOURADOS”

Luiz André Neves de Brito (USP)

Nos anos 50, o papel feminino predominante era o de responsável pela ocupação doméstica e o cuidado afetivo da família. Esses valores (que chamo de rosa) podem ser apreendidos em material da imprensa escrita dos “anos dourados”. Mas, em meio a essa discursividade, um outro discurso chama a atenção: o da mulher esclarecida, que mostrava uma nova posição, além dos afazeres domésticos (o que não implicava deixar de cuidar do lar). Para analisar esse funcionamento discursivo, parto de pressupostos da Análise do Discurso (AD) e, sob o primado do interdiscurso, entendo que toda formação discursiva define seu domínio de saber articulando um conjunto de formulações aceitáveis (o que pode e deve ser dito) e excluindo formulações inaceitáveis (o que não pode e não deve ser dito). Num primeiro momento, analiso a relação interdiscursiva que estrutura a identidade da mulher esclarecida. Depois, surge a seguinte pergunta: por que neste gênero apareceram estas formulações e não outras? Procuo mostrar a relação existente entre formação discursiva e gêneros discursivos com base num arquivo composto por colunas femininas publicadas no matutino Correio da Manhã entre de agosto de 1959 e de fevereiro de 1961.

PRÁTICAS DE SUBJETIVAÇÃO NO “AMOR EXIGENTE”

Maria de Lourdes Faria dos Santos Paniago (UNESP)

Este trabalho é parte de uma investigação mais ampla, ainda em desenvolvimento, que tem como objetivo a investigação de práticas discursivas de subjetivação no contexto escolar. Além de ampla pesquisa realizada em sete escolas na cidade de Jataí, investiga-se também as práticas adotadas pelo “Amor Exigente”, grupo de auto ajuda para prevenção do uso de drogas, que tem sede em mais de 50 municípios brasileiros, inclusive em Jataí. Nessa comunicação analisaremos especificamente as práticas adotadas por esse grupo que tanto tem influenciado a forma como as escolas pesquisadas têm fabricado sujeitos. Como embasamento teórico, toma-se os estudos da Análise do Discurso de Linha Francesa - AD, derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux, e, sobretudo, a obra de Michel Foucault, que influenciou Pêcheux principalmente nas segunda e terceira fases da AD. Para Foucault, o sujeito é sempre o resultado de uma prática, ou seja, o sujeito é sempre fabricado. Nesse sentido, a educação escolarizada funciona como dispositivo encarregado de fabricar um tipo bem determinado de indivíduo.

REPETIÇÃO E MEMÓRIA: OS INDÍCIOS DO SUJEITO DO INCONSCIENTE NO ACONTECIMENTO DISCURSIVO

Marcella Marjory Massolini Laureano (USP), Leda Verdiani Tfouni

Nosso objetivo no presente trabalho será o de abordar os conceitos de repetição e memória e suas implicações para duas disciplinas de interpretação (indiciárias) no que concerne o sujeito do discurso: a análise do discurso de filiação francesa (AD) e a psicanálise lacaniana.

Trabalhando numa zona de interface entre estes saberes, entendemos que o sujeito do discurso é afetado pelo inconsciente; este, por sua vez, aparece no acontecimento discursivo como algo que escapa ao falante, através dos chistes, atos falhos, repetições, etc. Apoiado nos dois esquecimentos que lhe são constitutivos, o sujeito do discurso não se dá conta de que algo fala à sua revelia, apontando para a concepção de um sujeito assujeitado cujas lembranças repousam no esquecimento e no eterno retorno. A aceitação desses pressupostos pelo analista implica negar a transparência do sentido, seguindo-se daí as duas máximas da AD e da psicanálise, que são, respectivamente: “não existe sentido literal” e “não existe metalinguagem”.

Esse retorno constante a um já-dito é afetado pela memória, enquanto lembrança, mas também esquecimento. Sendo assim, aquilo que é da ordem do recalque pode sempre retornar no discurso, provocando um acontecimento. Nestes momentos, temos aquilo que Lacan denomina de “palavra plena”, em oposição a “palavra vazia”, que se refere à repetição como automatismo, ou paráfrase pura. Concluimos que tanto a memória, quanto a repetição são os dois lados de uma mesma moeda que não cansa de jogar com o sujeito o eterno retorno do recalcado.

REPRESENTAÇÃO DE INSTITUIÇÕES E IDEOLOGIA NO DISCURSO PSICÓTICO: UM ESTUDO BASEADO EM CORPUS

Izabella dos Santos Martins (PUC-SP)

O presente trabalho se propõe a analisar o discurso de pacientes psicóticos em delírio, em situação de entrevista diagnóstica, no tocante à sua representação das várias instituições que perpassam seu discurso. O objetivo principal da pesquisa foi relacionar a representação das instituições à questão da ideologia. A pergunta básica respondida foi se a ideologia hegemônica se manifesta no discurso dos pacientes, e de que maneira isso acontece isso é evidenciado na linguagem. As perguntas específicas que se tentou responder foram: O discurso sócio-político-econômico dominante coloniza o discurso psicótico? Há alguma relação de contestação ou

subversão? O contexto de cultura é apreendido pelo psicótico e manifesto no seu discurso de que maneira? Essas características são comuns ao discurso dos vários pacientes? O corpus da pesquisa é constituído por 20 entrevistas psicodiagnósticas gravadas durante os anos de 2004 e 2005, posteriormente transcritas e processadas no programa de análise lingüística WordSmith Tools. O arcabouço teórico - metodológico da pesquisa ora apresentada é a Lingüística de Corpus (BERBER SARDINHA, 2004; SCOTT, 2001; STUBBS, 1996), a Lingüística Sistêmica (HALLIDAY, 1994) e a Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 1992; PEDRO, 1997).

SER CONTRÁRIO A “BISPAS” E “PASTORAS”: ALGUNS EFEITOS DISCURSIVOS DE FORMAS MARCADAS DE CITAÇÕES

Érika de Moraes (UNICAMP)

Este trabalho toma como ponto de partida as discussões a respeito das formas marcadas de citação no discurso, considerando primordialmente as inquietações de J. Authier-Revuz a respeito das marcas de heterogeneidade mostrada. Sabemos, com Authier-Revuz, que todo discurso é heterogêneo e que as formas de marcação da heterogeneidade são um modo de o sujeito produtor representar a unidade discursiva, na tentativa de construir a linearização que todo texto sugere. Se alguns trechos aparecem marcados (aspeados, destacados), o efeito que se produz é que o restante, o não-marcado, pertence ao sujeito produtor do discurso, o que caracteriza a ilusão subjetiva do enunciador. O sujeito teria (ou representar-se-ia como tendo) um certo domínio quanto ao controle das vozes que perpassam o seu discurso. Tendo em vista essas considerações a respeito das marcações de heterogeneidade mostrada no discurso, propomos a leitura, à luz do respaldo teórico da análise do discurso francesa, de uma carta de leitor publicada no *Jornal da Cidade*, jornal que circula em Bauru e região com tiragem considerada ampla para os padrões do interior. A carta do leitor em questão tem o título “Pastora? Bispa?” e foi publicada em 13/02/2005. Trata-se de um texto em tom autoritário, que contesta o “poder” da mulher nas igrejas. A carta apresenta citações entre aspas, que caracterizam um afastamento do enunciador em relação a algumas expressões. Apresenta também citações bíblicas, visando ao efeito de credibilidade dos argumentos. Nosso objetivo é mostrar alguns efeitos de sentido presentes no discurso que faz (ou deixa de fazer) uso de citações, tomando como base considerações acerca das formas marcadas de heterogeneidade no discurso.

SOBRE O FAZER CLÍNICO FONOAUDIOLÓGICO: A SINGULARIDADE DA CLÍNICA FONOAUDIOLÓGICA NA UTILIZAÇÃO DA ESCRITA COMO RECURSO TERAPÊUTICO

Renata Chrystina Bianchi de Barros (UNICAMP)

Em trabalho anterior, intitulado a gagueira e sua terapêutica: estudo discursivo da escrita como possibilidade de recurso terapêutico tivemos por objetivo estabelecer um outro olhar sob a forma de se compreender as alterações de fluência pela fonoaudiologia. O nosso interesse foi pensar a alteração da fluência em uma perspectiva discursiva e pensar o funcionamento da escrita como possibilidade de recurso terapêutico. Refletir sobre a utilização da escrita no espaço da clínica em processos terapêuticos com sujeitos com alteração na fluência da linguagem nos permitiu refletir não sobre qualquer escrita, mas sobre aquela apresentada inicialmente por esses sujeitos e sobre outras formas de escrita que podem ser sugeridas pelo terapeuta ao longo desse processo sendo esse um importante recurso para a compreensão dos movimentos do sujeito e seus sentidos. Motivados pela reflexão possibilitada ao longo da elaboração desse trabalho, os questionamentos sobre o estatuto da clínica fonoaudiológica e seus modos de funcionamento, assim como, sobre o estatuto da escrita enquanto instituição, sugerimos hoje o aprofundamento dessas questões em nosso trabalho de doutoramento.